

DOMÉSTICO

1 O lixo comercial e doméstico recolhido em casas ou apartamentos vai para os contêineres nas ruas. Todos os dias, caminhões de coleta recolhem os resíduos sólidos.



2 Uma parte do lixo vai para as duas usinas de tratamento do DF, que ficam na Asa Sul e em Ceilândia.

3 Nas usinas, os materiais são separados por tipo. Apenas 10% dos rejeitos passam por esse processo. Quase todo o lixo (90%) vai direto para o aterro do Jóquei, o lixo da Estrutural.

4 O lixo seco do aterro é o alvo de cerca de mil catadores que trabalham no lixo, recolhendo garrafas plásticas, sacos, latas e papéis.

■ O lixo orgânico (alimentos estragados, cascas de frutas e legumes, podas de árvore) é transformado em montanhas de adubo, que voltam para a terra.

O que sobra é compactado e soterrado. Camadas de até 1,5 metro de areia escondem os dejetos.

A decomposição do lixo gera um líquido tóxico, o chorume. Parte dele é depositado em uma lagoa artificial impermeável. O resto penetra no solo.

HOSPITALAR

1 Algodão, seringas, restos humanos, curativos e luvas são despejados em contêineres dentro de sacos brancos, após sairem dos hospitais e clínicas do DF.



2 Caminhões recolhem os materiais (cerca de 30 toneladas/dia) e levam para a usina de incineração, que fica no P Sul, em Ceilândia.

3 Os resíduos são submetidos a altas temperaturas e viram pó. Os restos são despejados no aterro do Jóquei.

Os rejeitos da construção civil, obras e escavações podem ser moídos e reaproveitados. Apenas parte dele vai para o lixo, onde é destruído e vira matéria prima para compactação de terra.

O restante fica pela cidade.

Infografia: Rubens Paiva

O colapso anunciado

CAOS NO SISTEMA DE COLETA E DESTINAÇÃO DE LIXO JÁ ERA PREVISTO E PELO MENOS CINCO PROJETOS FORAM ELABORADOS DESDE A FUNDAÇÃO DE BRASÍLIA. ESTRUTURA, PORÉM, É A MESMA DE UMA DÉCADA ATRÁS

CECÍLIA BRANDIM

DA EQUIPE DO CORREIO

Rafael Castanheira/Especial para o CB/12.10.05



MAIS DE 90% DAS 2,4 MIL TONELADAS DIÁRIAS DE LIXO PRODUZIDAS PELOS BRASILIENSES SÃO DESPEJADAS NO ATERRA DA ESTRUTURAL: CATADORES CHEGAM A FATURAR R\$ 100 SEMANALMENTE

Nas mãos da iniciativa privada

Durante a década de 80, o Distrito Federal chegou a ser referência no tratamento dos resíduos.

Quando o incinerador de lixo tóxico foi instalado na usina de Ceilândia, em 1985, havia poucos equipamentos do gênero no Brasil. Porém, a tecnologia era europeia e precisou ser adaptada ao tipo de rejeitos gerados em Brasília. "É um simplismo dizer que tudo foi sempre um caos", diz o subsecretário de Meio Ambiente, Fernando Fonseca.

O projeto era administrado por uma empresa privada, a Carioca Engenharia, que, acusada de má gestão, foi obrigada a devolver ao governo o contrato de coleta de lixo.

controle da usina. Tratou-se de uma tentativa fracassada de terceirizar o serviço. Em 1992, a então Secretaria de Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia (Sematec) tentou abrir nova licitação. A intenção era passar à iniciativa privada o controle do serviço de coleta seletiva de lixo. Seis empresas dividiram a atividade, repartindo-a regionalmente.

Uma onda de contestações judiciais embargou o processo. Somente em 1999 o sistema saiu de fato das mãos do governo. A Enterra (atual Qualix) entrou no mercado brasiliense sustentada por contratos de caráter emergencial com o

governo. No ano seguinte, a primeira grande licitação ocorreu e todo o serviço ficou com a empresa vencedora da concorrência. Desde então, é dela a responsabilidade pela varrição de ruas, pintura de meios-fios, coleta de lixo, separação, compostagem e administração das usinas e do Aterro do Jóquei, o lixo.

Menos de dois meses, o contrato com a Qualix vai vencer. De acordo com o porta-voz do GDF, Paulo Fona, "Não é só bonito defender o verde. Todas as ações de descaso refletem no bolso", observa o coordenador do Núcleo de Estudos Ambientais da UnB, Gustavo Souto Maior.

POVO FALA //

VOCÊ SABE ONDE VAI PARAR O LIXO?



KELLY DUARTE,

23 anos, dona-de-casa, mora no Rio Fundo II

"Não tenho a mínima ideia para onde o lixo vai. Acho que algumas coisas são recicladas, mas nem sei o destino certo do lixo da minha casa"



ANA MARIA PEREIRA DE MORAES,

42 anos, profissional liberal, mora em Ceilândia

"Eu não sei o que é feito, não. Será que vai para alguma usina de lixo ou para reciclagem? Não faço ideia para onde vai ou o que é feito"



MARCOS CARVALHO,

31 anos, serralheiro, mora na Candangolândia

"Eu acho que o lixo vai para a Estrutural ou para outro lixão qualquer. Não tenho certeza, mas acho que esses são os lugares possíveis para o lixo do DF"



MARIA PEREIRA,

71 anos, aposentada, mora em Ceilândia

"Eu não sei muito bem. Acho que ele é reutilizado para alguma coisa. Ele ia para uma usina em Ceilândia Sul, mas agora não sei para onde vai, já que a usina está desativada"



DENISE DA SILVA,

17 anos, estudante do ensino médio, mora no Recanto das Emas

"O lixo vai para uma empresa. Dessa empresa ele segue para tratamento e logo após é transformado em adubo. Eu sei disso porque fiz um trabalho na escola"

Disputa com os urubus

Do alto do morro de lixo, a visão é deslumbrante. De um lado está a parte urbana da capital federal, de onde se vê o Plano Piloto ao Guará. Em outro ângulo, a mancha verde das árvores do Parque Nacional de Brasília toma o horizonte. Sob os pés, porém, há um contraste. Com altura equivalente a um prédio de três andares, a montanha de rejeitos compactados com carne exala um cheiro forte de gás metano. O aterro do Jóquei, o chamado fixo da Estrutural, é um endereço pouco conhecido para muitos brasilienses. Mas está a cerca de 10 km do Eixo Monumental, com uma vida útil que não ultrapassa um ano. Apesar da primeira iniciativa para desativar o lixão ter 13 anos, somente agora o projeto começou a sair do papel.

Esta semana, a Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Semarh) publica portaria criando uma comissão mista de técnicos ambientais para analisar o projeto de desativação do lixão. São sugestões para recuperar o terreno, usado como depósito de lixo desde o início da década de 60. O tempo de vida do aterro superou todas as estimativas feitas até hoje. A nova medida faz parte do programa Brasília Sustentável, que receberá recursos do Banco Mundial para regularizar também a vila que cerca o lixão, com mais seis mil famílias.

"Há uma preocupação com a solução definitiva. A licença prévia do novo aterro, em condições modernas, sairá em breve", diz o secretário de Meio Ambiente, Antônio Gomes.

Entre as alternativas de revitalização da área está a instalação de um sistema de drenagem de gases e chorume (líquido tóxico gerado pela decomposição do lixo). Mas levará uma década até que os resultados possam ser medidos. O morro de lixo seria coberto com argila, para impermeabilizar o terreno contaminado com resíduos. Sobre essa camada viria uma outra, de terra, onde seriam plantadas espécies nativas do cerrado.

Mudas de pequi, peroba, sucupira, ipê e jatobá formariam um manto verde sobre os rejeitos. Esconderiam o material que há dez anos sustenta Tatiana Fernandes, 24 anos. De segunda-feira a sábado, a jovem corre atrás dos caminhões de coleta, que despejam toneladas de lixo a todo instante. "É preciso ter cuidado para não ser atropelada", explica.

Em meio ao tumulto formado pelos catadores, urubus e animais domésticos disputam as sobras de cada um dos sacos despejados. Quando o carregamento de lixo é despejado, dezenas de pessoas se jogam em cima do lixo ficou desfazida", conta. (CB)

O projeto do fim do lixo e a construção de um novo aterro não foram concluídos. Atualmente, o aterro ocupa área de 200 hectares e é frequentado por cerca de mil catadores de papel.

45 ANOS DE PROJETOS

1960



A capital é inaugurada. Não havia uma previsão clara para a destinação do lixo. Durante os primeiros anos, os rejeitos eram jogados em diversos pontos do Distrito Federal, sem tratamento.

1961

É criada a maior reserva de cerrado do DF. O Parque Nacional de Brasília. Pouco tempo depois, a área ganha um de seus vizinhos mais problemáticos, o lixo da Estrutural. Não há registro preciso de quando começou. Na época, havia apenas 100 famílias morando ao redor do lixo.

1963

Ano de fundação da usina de separação e produção de adubo com o lixo, na Asa Sul, com tecnologia dinamarquesa. Hoje opera apenas de 25% a 40% da capacidade. E ainda não tem licença ambiental para funcionar.

1972

Elaborado o primeiro Plano Diretor de Limpeza Urbana, com normas sobre como o serviço deveria funcionar.

1978

A forma como o lixo era tratado oferecia riscos à saúde. Havia pequenos lixões em todas as cidades do DF, sem qualquer tratamento. Foi divulgado então o Plano de Destinação Sanitária de Lixo em Brasília.

1985

Criada a segunda usina de tratamento de lixo do DF, no P Sul, em Ceilândia, com tecnologia francesa. Além de não ter licença ambiental, passou por problemas de administração. A gestão era semelhante à atual, feita pelo governo em parceria com a empresa Carioca Engenharia.

1992

Desenvolvido o Programa de Limpeza Urbana. Voltado para coleta seletiva, redução do volume de resíduos e desativação do lixo, que na época era explorado por 287 famílias de catadores.

1996

Ministério do Meio Ambiente firma convênio com o governo local para erradicação do lixo, que já recebia 900 toneladas por dia. A previsão de sobrevida era de seis anos. O DF receberia R\$ 1,76 milhão para o projeto, que nunca foi levado adiante.

1999

A usina de incineração de lixo hospitalar, em Ceilândia, volta a funcionar, depois de dois anos parada. Os rejeitos produzidos pelos hospitais eram despejados no lixo. O serviço era realizado pela Enterra, que mantinha contrato de caráter emergencial com o governo.

2000

A Qualix (ex-Enterra), que hoje faz a coleta e destinação do lixo, começo a operar no DF. A empresa venceu licitação para prestar o serviço durante cinco anos, no valor de R\$ 355 milhões.

2005

O projeto do fim do lixo e a construção de um novo aterro, não foram concluídos. Atualmente, o aterro ocupa área de 200 hectares e é frequentado por cerca de mil catadores de papel.

